

Isabel Baraona
Estórias e rabiscos

No conjunto do trabalho de Isabel Baraona, o desenho como disciplina adquire uma importância tal que o podemos considerar ligado ao processo que permite a própria existência da obra. Esta é uma primeira marca da sua contemporaneidade, da sua integração num conjunto de preocupações e sentidos que marcam a arte actual. É que o desenho, se aqui exhibe uma autonomia que lhe foi negada durante séculos, não deixa de guardar as características de intimidade, de efemeridade e até mesmo de domesticidade que outras técnicas se esforçaram por negar.

Olhemos pois para estes desenhos no seu aspecto mais formal: há manchas, traços a pincel feitos com uma aguada muito diluída, e depois um traço preciso e fino que se transforma em personagens, por vezes mesmo marcações de um lugar indefinido, casa ou palco. A identificação precisa é sempre evitada: não existe uma separação nítida entre o masculino e o feminino, entre o animal e o humano, entre o fabricado e o natural. Nem sequer existe a delimitação nítida de um espaço, como a pintura faz sempre, ou de uma volumetria, coisa que cabe à escultura. Há uma indecisão permanente na definição daquilo que se vê, que se sente, das emoções que o desenho suscita ou não. Personagens interagem uns com os outros; adivinhamos uma narrativa, ou o esboço de uma narrativa, que é sempre fragmentada e incompleta. Atrás falámos de cenários, talvez porque este apelo narrativo possui uma artificialidade que lhe vem do incompleto e do deslaçamento dos contornos na superfície branca do papel. Poderíamos também referir o teatro, a peça de teatro com a sua divisão tradicional em actos que indicam o decorrer da acção no tempo, e as cenas, definidas pelo número e o papel das personagens em representação no palco.

Contudo, para além destes elementos iconográficos e formais (entendidos aqui como as características estilísticas do desenho de Isabel Baraona), há nesta artista um entendimento desta prática que vai bem além da folha de papel. O desenho é sempre uma fronteira no espaço, uma fronteira que é artificial, como todas as fronteiras. Limita um dentro e um fora, um interior e um exterior. Ou seja, estabelece uma divisão nítida e dialéctica entre o que é e o que não é: homem e mulher, interior e exterior, humano e animal, forma e informe. Este processo racional e lógico afasta-se dos propósitos do desenho de Isabel Baraona: nem temática e iconicamente notamos esta separação, nem sequer em termos de suporte ela é visível. Numa série recente, a artista utilizou silhuetas recortadas em papel adesivo bicolor que eram depois coladas nas vidraças do espaço de exposição. Por essa razão, invadiam o exterior, a rua, imiscuíam-se no quotidiano dos transeuntes, quebravam a pureza do ‘cubo branco’ da galeria com a atracção exercida no homem da rua. Como mercadorias, expunham-se numa montra; e nem a cor era suficientemente nítida para permitir certezas.

Outra série de trabalhos é feita de rolos de papel translúcido recortado com enormes flores que invadem o espaço como rendas. Os trabalhos são destruídos no final da exposição, assumindo assim a efemeridade que é ainda talvez um dos últimos tabus das artes plásticas. A artista chama a estes trabalhos ‘naturezas-mortas’, provavelmente porque possuem esta vocação inelutável que as condena à partida. Mas, ao mesmo tempo, perturbam também o circuito normal de quem entra num espaço expositivo, vê os quadros na parede e volta a sair: não é na parede que se devem ver estas peças, mas no ar, em torno de si, na interacção que estabelecem com cada um. Na indefinição, fica uma obra estranha e íntima, com uma força que só quem pode caminhar sem certezas absolutas possui. Talvez seja esta a condição permanente de quem é artista.

Luísa Soares de Oliveira